

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DO SINOS – UNISINOS
**PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTA: APRENDIZAGEM INTEGRAL,
SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE**

ROSYANE ANDRADE DE LIMA RODRIGUES

Desenvolvimento da formação integral através do acompanhamento socioemocional
de crianças do 2º ano do Ensino Fundamental

São Paulo

2025

ROSYANE ANDRADE DE LIMA RODRIGUES

DESENVOLVIMENTO DA FORMAÇÃO INTEGRAL ATRAVÉS DO
ACOMPANHAMENTO SOCIOEMOCIONAL DE CRIANÇAS DO 2º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso

Orientador(a): Mariana Consulmagno Fávero

São Paulo

2025

RESUMO

As instituições de ensino no Brasil têm sido convidadas a repensar suas práticas, buscando caminhos que favoreçam o desenvolvimento integral dos estudantes. Esse movimento exige não apenas a construção de competências e habilidades, mas também a abertura para novas formas de adaptação e organização, capazes de responder com sensibilidade e propósito aos desafios de um tempo em constante transformação. Inspirada por uma abordagem humanista e integradora, como propõem os princípios do Paradigma Pedagógico Inaciano e da Rede Jesuíta de Educação, esta proposta reconhece a centralidade do estudante como sujeito ativo em seu processo de aprendizagem. Este artigo tem como objetivo analisar, através de um relato de experiência da professora regente da turma do 2º ano do ensino fundamental, como o trabalho feito em sala de aula e nas atividades extras da escola podem contribuir, em sua prática cotidiana, para a formação socioemocional dos alunos., evidenciando sua relevância para a formação integral das crianças. Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, construído a partir da perspectiva da professora regente que acompanhou de perto o cotidiano das turmas e busca responder o seguinte problema: de que maneira os princípios da Pedagogia Inaciana orientam as ações que proponham um espaço educativo que favoreça o desenvolvimento emocional e social dos estudantes, resultando também no desenvolvimento integral? A reflexão sobre o desenvolvimento das habilidades socioemocionais é sustentada por referências como Daniel Goleman, que destaca a importância da inteligência emocional e Howard Gardner, cuja teoria das inteligências múltiplas amplia a compreensão sobre as diversas formas de aprender e se expressar. Além disso, os princípios de Paulo Freire fortalecem a proposta de um ambiente escolar mais acolhedor, consciente e formativo. Assim, a compreensão e o fortalecimento das habilidades socioemocionais contribuem significativamente para os vínculos entre educador e estudante, promovendo uma vivência escolar mais significativa, democrática e transformadora.

Palavras-chave: Competências socioemocionais; desenvolvimento emocional; educação jesuíta; formação integral; Pedagogia Inaciana

1 INTRODUÇÃO

O ambiente escolar tem papel relevante no desenvolvimento cognitivo, social e emocional de seus estudantes. Os conhecimentos curriculares ocupam o mesmo grau de importância dos componentes sociais e emocionais que se dá por meio da convivência e interação. O importante teórico da educação, Lev Vygotsky, elabora suas teorias refletindo sobre a importância da interação social para o desenvolvimento cognitivo e social dos estudantes. Sua teoria, mais conhecida como sociointeracionista, traz a aprendizagem como um processo social e construtivo, que ocorre através da interação com o ambiente e com outras pessoas.

O desenvolvimento social e cognitivo deve andar juntos, devido ao impacto que um causa no outro. Contudo, falar do social é também falar do emocional, pois igualmente um tem grande influência sobre o outro. Para Piaget (apud SARMENTO; 2010, p. 13)

É incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência, sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; (...) A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência. Consideram-se dois aspectos importantes no desenvolvimento intelectual: um afetivo e um cognitivo. (PIAGET, apud SARMENTO, 2010, p.13).

Paulo Freire em suas obras defende que a educação deve ser um processo crítico, onde os estudantes reconheçam e questionem sobre as relações sociais e suas próprias emoções, para que deste modo tenha autonomia e capacidade de agir no mundo com base na reflexão e emoção. Em seu livro intitulado "Pedagogia do oprimido" (2009), relata que para a construção de aprendizagens ter como horizonte a humanização dos sujeitos, precisa se materializar em atitudes, escolhas e relações empreendidas na prática educativa em que os estudantes são compreendidos como seres sociais e históricos, que ao se desenvolverem por meio do diálogo, a percepção crítica sobre a realidade, vão se tornando capazes de produzir seus próprios saberes e de criar condições para uma atuação mais efetiva na sociedade. Compreender que os estudantes são seres sociais e históricos, é se aprofundar no entendimento de que cada estudante é um indivíduo que possui história, traumas, alegrias, experiências e contextos que vão influenciar em sua vida social e emocional, além de também agir diretamente na sua aprendizagem.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declara que

A infância e a adolescência são fases críticas da vida para a saúde mental. Este é um momento em que o crescimento e o desenvolvimento rápidos ocorrem no cérebro. Crianças e adolescentes adquirem habilidades cognitivas e socioemocionais que moldam sua saúde mental futura e são importantes para assumir papéis adultos na sociedade.

A declaração atinge todos os espaços que crianças e adolescentes estão inseridos, como a família, a escola e a própria sociedade. As situações e contextos experienciados nessa fase da vida, terá grande impacto no restante dela.

No tocante ao contexto escolar, Sarmiento (2010, p. 14) declara que

É imprescindível, então, que no contexto escolar trabalhemos a articulação afetiva e aprendizagem nas mais variadas situações, considerando-a como essencial na prática pedagógica e não ajudando como simples alternativa da qual podemos lançar mão quando queremos fazer uma “atividade diferente” na escola. Essa articulação deve ser uma constante na busca de todos que conseguem o espaço escolar como locais privilegiados na formação humana. (...) Portanto, a sala de aula precisa ser espaço de formação, de harmonização, onde a afetividade em suas diferentes manifestações possa ser usada em favor da aprendizagem, pois o afetivo e o intelectual são faces de uma mesma realidade, o desenvolvimento do ser humano. (SARMENTO, 2010, p.14).

Esses pensamentos servem como trampolim para as próximas discussões sobre como a Educação Jesuíta enxerga o seu ambiente escolar e quais práticas promovem um ambiente ideal para relações sociais saudáveis entre seus estudantes. O documento oficial da Companhia de Jesus intitulado “Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana” (2015) apresenta os traços predominantes do Paradigma Pedagógico Inaciano, entre eles está a “dimensão social do ensino e da aprendizagem” (n. 76), onde relaciona o estudo e o amadurecimento do indivíduo a partir das interações sociais e relações humanas. De acordo com o documento, a pedagogia inaciana “fomenta a estreita cooperação e a comunicação mútua de experiências mediante o diálogo reflexivo entre os alunos. Relaciona o estudo e o amadurecimento próprios com a interação pessoal e as relações humanas” (1993, p. 70).

Simultâneo a isso, é percebida que as transformações sociais e culturais das últimas décadas colocaram em evidência a necessidade de uma educação que vá além da transmissão de conteúdos e abrace o ser humano em sua totalidade. Nesse cenário, o desenvolvimento das competências socioemocionais tem se mostrado um componente essencial na formação dos estudantes, contribuindo significativamente para sua autonomia, empatia, resiliência e convivência ética. Além disso, de acordo com Walton (2016, p. 147), “uma criança ou estudante que esteja ansiosa, irritada ou

deprimida não aprenderá com facilidade. [...] O impacto disso pode, sem dúvida, limitar o desenvolvimento de habilidades e de potencial”.

No contexto das instituições educativas jesuítas, essa demanda se entrelaça com a missão formativa herdada da tradição inaciana, que propõe uma educação centrada no ser humano e voltada para a transformação da sociedade. Para a tradição educativa inaciana, a formação dos estudantes considera “um modo de experimentar e refletir que leva o aluno, não só a aprofundar-se nas matérias, mas a buscar um significado para a vida e efetuar opções pessoais (AÇÃO) de acordo com uma visão integradora do mundo” (Paradigma Pedagógico Inaciano, 1993, p. 59).

Com base nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo analisar através de um relato de experiência da professora regente da turma do 2º ano do ensino fundamental como o trabalho feito em sala de aula e nas atividades extras da escola podem contribuir, em sua prática cotidiana, para a formação socioemocional dos alunos. O artigo se estrutura a partir do seguinte problema: de que maneira os princípios da Pedagogia Inaciana orientam as ações que proponham um espaço educativo que favoreça o desenvolvimento emocional e social dos estudantes, resultando também no desenvolvimento integral?

O objetivo principal do trabalho é analisar e descrever as ações das professoras regentes de um dos Colégios dos Jesuítas, o Colégio São Francisco Xavier, de modo que favoreçam o desenvolvimento socioemocional dos estudantes do 2º Ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Os objetivos específicos deste trabalho são, primeiramente, refletir sobre a importância da pauta da inteligência emocional no ambiente escolar e os impactos que ela pode gerar no processo educativo. Além disso, busca-se identificar ações que promovam um ambiente escolar saudável, favorecendo o desenvolvimento socioemocional dos estudantes. Por fim, pretende-se observar as ações realizadas pelos profissionais que acompanham os estudantes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A formação integral na perspectiva da educação Jesuíta

A Educação Inaciana ou Educação Jesuíta vive um contexto histórico que remonta a fundação da Companhia de Jesus por Santo Inácio de Loyola no século XVI. O principal objetivo da Companhia era evangelizar e aproximar as pessoas de Deus e,

para isso, criou-se escolas para promover a catequização, baseada em três pilares: a catequese, o ensino na doutrina cristã e a educação humanística. De acordo com Bettini (2006, p. 6), a função dos jesuítas nas terras brasileiras era de catequizar os índios e mostrar a salvação que se encontrava na religião, mas num segundo momento, iniciam também uma administração sobre os nativos.

Após experiências vividas pela companhia de expulsão de Portugal e suas colônias incluindo o Brasil, em 1841, 82 anos após a expulsão, a Companhia retorna ao Brasil e inicia seu projeto de fundação de escolas pelo país, atingindo aproximadamente 21 colégios e se consolidou pela sua pedagogia única, cujos elementos principais provêm dos Exercícios Espirituais e da espiritualidade inspirada em Santo Inácio de Loyola, que valoriza a formação integral dos estudantes que promove ações educativas baseadas nos variados aspectos da vida do indivíduo, considerando, principalmente, o momento histórico que vive.

Relacionado a isso, nas últimas décadas, as escolas jesuítas, assim como as outras escolas, têm vivenciado intensas transformações em suas práticas, motivadas por mudanças sociais e culturais cada vez mais intrincadas. Nesse contexto, o desenvolvimento das competências socioemocionais tornou-se um aspecto central das discussões pedagógicas. Walton (2016, p. 152) menciona em sua obra um artigo publicado pelo governo do Reino Unido que descreve a importância do trabalho socioemocional desde a infância. De acordo com a análise, “a inteligência emocional foi vista como um veículo importante para promover o comportamento positivo e colaborativo que resultaria em aprendizagem mais eficaz e em melhor criatividade”.

Portanto, se antes a educação estava preocupada quase exclusivamente com o domínio de conteúdos cognitivos, hoje se reconhece que o aprendizado envolve também o aspecto físico e emocional de forma inseparável, sendo apresentada como “formação integral”. A Tradição Inaciana, com sua identidade própria, discute tais aspectos há muitos anos e chamou-os de dimensões, sendo a dimensão cognitiva, física, socioemocional e, de maneira particular, espiritual. A união dessas quatro dimensões diz respeito a formação integral na Tradição Inaciana.

Essa compreensão amplia o papel da escola, que passa a ser vista como um espaço de formação integral. Essa perspectiva é ainda mais evidente nas Instituições Educativas Jesuítas, cuja proposta pedagógica, inspirada nos princípios da Pedagogia Inaciana, entende o processo educativo como uma jornada que envolve o intelecto, o coração e a espiritualidade do educando (Rede Jesuíta de Educação, 2016). Tal

concepção baseia-se na premissa de que o ser humano não se resume à razão, e que suas emoções, valores e relações são elementos estruturantes de sua identidade e de sua forma de estar no mundo. De acordo com López (2025, p. 20),

a educação integral promove o desenvolvimento cognitivo, físico, emocional e espiritual, preparando o estudante para uma vida plena e ética. [...] Nos colégios Jesuítas, a formação integral é sustentada pelos princípios da Pedagogia Inaciana. Segundo esse modelo, a educação deve ser uma experiência transformadora, que promova a reflexão crítica e a ação solidária”.

A cura personalis, ou cuidado integral da pessoa, é um dos princípios centrais da educação jesuíta, exigindo do educador uma atenção constante às necessidades, potencialidades e processos individuais de cada estudante (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016). Essa prática implica não apenas acompanhar o desempenho acadêmico, mas também cultivar relações significativas que promovam o bem-estar emocional dos educandos.

A Educação Jesuíta está, constantemente, preocupada com as atualizações do mundo desde muito antes de se ter como principal pauta da educação a saúde emocional, não se limitando apenas a saber os fatos da vida moderna, mas também de examinar, crendo que cada componente curricular deve ter consciência de que os seus ensinamentos gerarão impactos na vida dos estudantes. De acordo com o Paradigma Pedagógico Inaciano (1993, p. 20), “a característica constante da pedagogia inaciana é a incorporação sistemática dos métodos hauridos de diversas fontes que podem contribuir melhor para a formação integral, intelectual, social, moral e religiosa da pessoa”. Traduzindo para um modo concreto, a Educação Inaciana possui uma identidade própria devido suas características que ajudam na obtenção de um desenvolvimento humano integral, sendo elas a preocupação por “um ensino de qualidade, pela verdade, pelo respeito aos demais, malgrado as diferenças de opiniões, a ambiência, o perdão e algumas manifestações evidentes da crença da Instituição no Transcendente” (Paradigma Pedagógico Inaciano, 1993, p. 47). Esses elementos tornam a proposta pedagógica inaciana um caminho potente para formar sujeitos conscientes, competentes, compassivos e comprometidos com a transformação da sociedade.

2.2 Competências socioemocionais e seu papel na aprendizagem

As competências socioemocionais referem-se a um conjunto de habilidades que envolvem o indivíduo que potencializem o desenvolvimento da Inteligência Emocional.

Um precursor desse assunto é Daniel Goleman (2001, p. 370) que apresenta o conceito de duas mentes, “razão” e “emoção”, que nos moldam enquanto seres humanos. O autor também apresenta habilidades importantes da inteligência emocional, como: 1. Conhecer as próprias emoções (autoconhecimento); 2. Controlar as suas emoções (autorregulação, automotivação e empatia); e 3. Relacionar-se interpessoalmente (habilidades sociais).

Em consonância a isso, Gardner (1995), criador da teoria das inteligências múltiplas, o ser humano pode deter dois tipos de inteligências, a interpessoal e a intrapessoal. A primeira refere-se à capacidade de interagir com outras pessoas, enquanto a segunda se refere ao autoconhecimento e compreensão das próprias emoções. De acordo com, Cristina Favoron Tugas apud Tiburski (2018):

Essas competências são utilizadas cotidianamente nas diversas situações da vida e integram o processo de cada um para aprender a conhecer, conviver, trabalhar e ser”, explica a educadora. “Ou seja, são parte da formação integral e do desenvolvimento do ser humano. São habilidades que você pode aprender, praticar e ensinar.

Quando desenvolvidas no ambiente escolar, essas competências contribuem para a melhora do clima educacional, da convivência entre pares e do desempenho acadêmico, conforme demonstram estudos realizados pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento e Econômico (OCDE, 2023). O estudo realizado com estudantes de 10 a 15 anos apontou que crianças e adolescentes com inteligência emocional conseguem, durante a vida escolar, obter melhores resultados em determinadas áreas de conhecimento. A pesquisa também revelou a relação entre o socioemocional e diversos indicadores de saúde e bem-estar (satisfação com a vida, bem-estar psicológico atual, satisfação com os relacionamentos, imagem corporal, menores níveis de ansiedade em relação a testes e aulas, e comportamentos saudáveis). Os resultados mostraram que diversas competências contribuem para a saúde e bem-estar do estudante, sendo as competências de regulação emocional e entusiasmo aquelas que mais contribuem para melhores indicadores.

No entanto, o desenvolvimento dessas habilidades não ocorre de forma espontânea. É necessário que o espaço educativo e familiar do indivíduo esteja estruturado para favorecer a escuta, o diálogo e a construção de vínculos. Nesse processo, o papel dos colaboradores escolares é decisivo: são eles que modelam

comportamentos, oferecem suporte emocional e garantem a coerência entre os valores institucionais e as práticas pedagógicas.

Com avanços das pesquisas e da compreensão da totalidade do ser humano, as instituições educativas percebem que o aprendizado é muito mais complexo e multifacetado. O autor do livro “Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente”, Daniel Goleman (2001, p. 370), inaugura o termo “alfabetização emocional” e afirma que é imprescindível que seja implementado nas escolas de modo que possibilite aos estudantes reconhecerem e avaliarem seus próprios sentimentos e emoções. Segundo Walton (2016, p. 152), “a alfabetização emocional [...] pode ter grande importância no que os professores lecionam, em como é elaborado o currículo escolar [...] e nos resultados que os alunos conseguem atingir”.

Corroborando com isso, O Collaborative for Academic, Social and Emotional (CASEL) e Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD) definem habilidades socioemocionais como um conjunto de cinco competências que se relacionam entre elas, sendo: autoconsciência, autogestão, consciência social, habilidade de relacionamento e tomada de decisão responsável. Ao entrarem no ambiente escolar, percebemos uma diversidade de perfis e de experiências vividas pelos estudantes que resultam em fragilidade ou amadurecimento emocional. Segundo Dutra (2023, p. 61), “justamente por receber uma diversidade de alunos, com experiências e vivências incomparáveis e imensuráveis, é que a escola é o ambiente social ideal para mostrar um caminho diferenciado”.

Um dos objetivos do ambiente escolar é o avanço pedagógico e cognitivo dos estudantes, mas não deve ser o único ou o maior objetivo, pois esse avanço está intrinsecamente relacionado às outras áreas que compõem o ser humano, sendo elas, de acordo com a Tradição Jesuíta, socioemocional, física e espiritual. Tais áreas são merecedoras de igual atenção e cuidado, pois a fragilidade de uma pode influenciar na outra. No tocante às habilidades socioemocionais, por exemplo, Walton (2016, p. 147) afirma que

Quando as emoções se sobrepõem à concentração, o que está sendo sobrecarregado é a capacidade mental que os cientistas cognitivos chamam de “memória de trabalho”, ou seja, a capacidade de armazenar todas as informações necessárias que são relevantes para a tarefa atual.

Dessa forma, promover o equilíbrio entre as dimensões do ser é essencial para garantir não apenas a aprendizagem acadêmica, mas também o desenvolvimento pleno e saudável dos estudantes.

3 METODOLOGIA

A pesquisa trata-se de um relato de experiência com abordagem qualitativa e exploratória, desenvolvido a partir da vivência de profissionais que atuam diretamente com estudantes do 2º Ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais de uma escola jesuíta localizada em São Paulo/SP, o Colégio São Francisco Xavier. De acordo com o Portal da Rede BVS, “O Relato de Experiências é uma fonte de informação sobre experiências vivenciadas em uma determinada área de atuação, geralmente feito de modo contextualizado, com objetividade e aporte teórico”.

Para a construção deste artigo, foram analisados documentos institucionais da Rede Jesuíta de Educação, bem como produções acadêmicas que tratam da Pedagogia Inaciana, da Educação Integral e educação socioemocional. Complementarmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores, psicóloga e coordenadora pedagógica, profissionais que lidam diretamente e diariamente com os estudantes. Os dados foram organizados e analisados com ênfase na identificação de práticas significativas, desafios e percepções sobre a formação integral.

Em uma escola jesuíta, lócus de análise para esse artigo, todos os colaboradores são compreendidos como educadores, independentemente de seu cargo. Esse entendimento amplia a responsabilidade formativa para além da sala de aula, considerando cada interação como oportunidade de crescimento humano. De acordo com Fávero (2022, p. 15) “é importante ressaltar que todos os envolvidos na comunidade educativa são responsáveis por desenvolverem o melhor aproveitamento das práticas pedagógicas e a ação com excelência acadêmica”. Para Nóbrega-Therrien (2018), o acompanhamento contínuo, o acolhimento e a formação espiritual fazem parte da rotina institucional e impactam diretamente o desenvolvimento emocional dos alunos.

O Colégio São Francisco Xavier possui mais de 95 anos de história na Cidade de São Paulo. Atualmente, possui xx estudantes da Educação Infantil ao Ensino Médio. Em suas atividades também oferece o Período Integral para estudantes do maternal ao 7º ano do Ensino Fundamental Anos Finais e cursos extras. O Colégio se destaca pela estrutura, localização, programa bilíngue e pela sua formação integral que contempla a formação acadêmica, humana e cristã seguindo os princípios do Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação, que conta com a metodologia a

Pedagogia Inaciana que visa a formação integral do indivíduo, não só na parte acadêmica como também no desenvolvimento humano e social, formando cidadãos competentes, compassivos e comprometidos com uma sociedade mais justa.

O relato de experiência relata as práticas das professoras e, conseqüentemente, da Psicóloga e Coordenação Pedagógica que lidam diariamente com os estudantes do 2º Ano do Ensino Fundamental do Colégio São Francisco Xavier. Ao enxergar as necessidades socioemocionais dos estudantes diariamente, existem práticas, ações e condutas seguidas, sejam elas coletivas ou individuais, que buscam o desenvolvimento socioemocional dos estudantes. A análise dos resultados busca reunir as observações feitas.

O 2º Ano do Colégio São Francisco Xavier é dividido em 4 turmas, cada uma com cerca de 23 a 25 estudantes, totalizando 97 alunos. Cada turma contém uma Professora Regente com Licenciatura em Pedagogia e uma Auxiliar de Sala, seja ela com o Ensino Superior em Pedagogia completo ou em formação. Além das duas profissionais, a rotina dos estudantes conta com aulas de Inglês diariamente, de Educação Física duas vezes por semana e aulas de Artes, Música e Cultura Religiosa e Humanística semanalmente. Contemplando a rotina dos estudantes, as atividades estão presentes no cotidiano com atividades informais, como os Olhinhos Fechados e Coração Aberto conduzido pelas Professoras Regentes; e atividades formais, como as tardes de espiritualidade organizada pela Formação Cristã e Pastoral do Colégio. A rotina é complementada com momentos de socialização entre os estudantes que oportunizam espaços de fortalecimento de vínculos e ampliação dos grupos.

As informações foram coletadas a partir da experiência vivida pelas professoras regentes do 2º Ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais. A partir das observações, pudemos compartilhar os eventos, as vivências concretas, as estratégias e reflexões no cotidiano escolar. Essas observações de experiências contribuíram significativamente para o entendimento de como os princípios da Pedagogia Inaciana se desdobram na prática e de que forma influenciam no desenvolvimento socioemocional dos estudantes.

Durante a análise dos dados, foram identificados elementos comuns nas falas dos entrevistados, os quais apontam para a existência de uma intencionalidade formativa presente nas ações cotidianas. A partir disso, foi possível compreender como a proposta de formação integral se concretiza nas relações estabelecidas entre adultos

e crianças, revelando o papel ativo dos educadores na promoção de um ambiente escolar que favorece o amadurecimento emocional e o cuidado com o outro.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Relato de Experiência sob a ótica da Professora Regente do 2º ano do Ensino Fundamental (anos iniciais)

Libâneo (1994) explicita que o professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. O ato constante de ouvir os estudantes torna o papel do professor ainda mais importante, pois, é através da escuta que ele compreende as necessidades, dúvidas, percepções, ritmos de aprendizagem e demandas socioemocionais de cada aluno. As práticas das professoras regentes do 2º Ano do Ensino Fundamental são pautadas na disciplina, na escuta, no diálogo e no olhar atento às diversas necessidades da sala de aula. Além de sua formação em Licenciatura em Pedagogia, também possuem especialização Lato Sensu em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Essa formação enriquece as práticas profissionais no tocante às identificações de dificuldades cognitivas ou emocionais que podem impactar no aprendizado. Além disso, possibilita compreender a importância das intervenções na escola que possibilitem o amadurecimento das relações sociais e emocionais dos estudantes.

As práticas em sala de aula com as professoras regentes não se resumem apenas aos conteúdos de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia. Mas, acredita-se que por meio dos conteúdos trabalhados em sala de aula pode-se ampliar a proposta para discussões e reflexões que contribuam para o desenvolvimento de habilidades que precisam da condução de adultos para ocorrerem, como as socioemocionais. Para exemplificar, durante a aula de Matemática estava-se discutindo acerca da função do dinheiro na sociedade e o seu contexto histórico partindo da época do escambo. A partir disso, os estudantes fizeram uma lista com palavras sobre o que o dinheiro é capaz de comprar, eles mencionaram roupas, alimentos, viagens, casa, carro e outros. Em seguida, fizeram outra lista de palavras sobre o que o dinheiro não pode comprar, eles mencionaram a família, o amor, o respeito, os amigos e outros. Contudo, durante a criação da última lista, surgiu uma discussão sobre uma aluna que havia falado para vários outros colegas o seguinte: “Se você me der essa borracha, serei sua melhor amiga”. Essa frase se

repetiu diversas vezes mudando apenas o objeto de interesse dela. Nisso, a professora viu a oportunidade de falar sobre aspectos sociais e emocionais do grupo, demonstrando que o conteúdo da aula na maioria das vezes irá trazer problemáticas que se tornam boas ocasiões para reflexão e discussão de habilidades socioemocionais importantes.

A vivência escolar é atravessada diariamente por situações que vão além do conteúdo curricular. Conflitos entre pares, frustrações diante de desafios e ruídos na comunicação fazem parte da rotina com crianças e ignorar isso em nome do cumprimento de conteúdo é, no mínimo, um erro pedagógico. Por isso, os momentos de escuta, conversa e reflexão sobre aspectos socioemocionais não são eventuais: eles se impõem no cotidiano, exigindo das professoras sensibilidade, preparo e coragem para interromper o planejado quando necessário. Muitas vezes, é justamente nesses desvios que se constroem os aprendizados mais significativos, aqueles que tocam as relações, o autoconhecimento e a capacidade de lidar com o outro. Priorizar essas pausas é, portanto, um ato pedagógico de profundo valor formativo.

Outro exemplo concreto de como os aspectos socioemocionais se manifestam e podem ser trabalhados na escola surgiu a partir de um momento delicado vivido por uma turma, marcada por constantes conflitos entre os próprios alunos. A professora começou a perceber sinais claros de intolerância, desrespeito e pouca empatia nas interações cotidianas. Diante disso, decidiu agir de forma intencional e cuidadosa.

Após diversas rodas de conversa, reflexões coletivas com o apoio de vídeos e músicas, ela propôs uma iniciativa simples, mas significativa: a “corrida da gentileza”. A dinâmica era objetiva, a cada atitude gentil observada pelas professoras, a turma ganhava um coração colado no painel da sala. O gesto simbólico despertou o engajamento dos estudantes, que passaram a se esforçar genuinamente para praticar o cuidado, o respeito e a colaboração.

Com o passar dos dias, as professoras notaram mudanças visíveis: as relações se tornaram mais leves, os diálogos mais respeitosos e começaram a demonstrar maior corresponsabilidade no convívio. Pequenas atitudes passaram a ter grande valor, e a construção de um ambiente mais saudável e empático foi, aos poucos, se fortalecendo a partir de gestos simples, mas profundamente transformadores.

Contudo, quando surgem no cotidiano escolar comportamentos disruptivos, como atitudes desafiadoras ou hostis por parte de determinados alunos, as professoras seguem a orientação institucional de acionar a Psicóloga Escolar. A partir dessa

comunicação, a profissional realiza uma escuta atenta do caso, oferecendo orientações às docentes e, se necessário, encaminhamentos mais específicos que contribuam para o bem-estar e o desenvolvimento integral do estudante.

4.2 Profissionais que realizam o acompanhamento dos estudantes e suas ações

A coordenação pedagógica da escola é responsável por garantir a qualidade do ensino e do processo de aprendizagem dos estudantes. A eles são incumbidas as responsabilidades de planejar, avaliar e implementar o currículo, promover a formação continuada dos professores resolver conflitos relacionados à educação.

A sua contribuição para o favorecimento do trabalho socioemocional está associada às formações realizadas com as professoras a fim de discutir os aspectos de maturação cognitiva na perspectiva pedagógica, social e emocional, contudo, está mais focada nos aspectos pedagógicos. Semanalmente, as professoras têm reuniões pedagógicas com todo o segmento que buscam discutir práticas e refletir sobre as diversas situações do ambiente escolar. A coordenação pedagógica utiliza esse espaço para direcionar o trabalho das educadoras no tocante aos aspectos citados. Além desse momento, existe as assessorias que ocorrem semanalmente apenas com a série. Nela é discutida situações práticas do dia a dia e situações pontuais dos estudantes que estão tendo dificuldades de adaptação, de aprendizagem e de socialização. Ao deparar-se com situações importantes que as professoras precisam de maior apoio, a coordenação pedagógica se prontifica a atender a família para traçar estratégias de como ajudar o estudante. O exemplo a seguir explicará a conduta de forma clara: um estudante do 2º ano estava pegando materiais que não lhe pertenciam com frequência e todas as vezes que ocorreu a professora entrou em contato com a família e com a coordenação, após muitas conversas com a criança e não solução do problema, a coordenação pedagógica acionou a família para reunião junto com a professora. Durante a reunião, a escuta da família trouxe à tona aspectos sensíveis do ambiente doméstico, os quais ajudaram a compreender o gesto do estudante não como um ato de desobediência isolado, mas como uma tentativa de ser notado, acolhido ou pertencente. A atitude da escola ao acolher essas informações sem julgamento, oferecendo apoio e orientação, reforça o papel essencial da educação como espaço de cuidado e formação integral.

Esse episódio revela o quanto o comportamento infantil está intrinsecamente ligado ao contexto emocional e social em que a criança está inserida. Mais do que corrigir condutas, é preciso compreendê-las e isso exige empatia, escuta ativa e uma rede de apoio entre escola e família. Quando adultos se disponibilizam a enxergar para além do comportamento imediato, abrem-se caminhos para que a criança também aprenda a reconhecer suas emoções e a construir respostas mais saudáveis e conscientes diante das dificuldades.

Nesse contexto, a coordenação pedagógica ocupa posição primordial para que a aproximação entre a escola e a família ocorra de maneira orientadora, empática e colaborativa, promovendo o diálogo e construindo, em conjunto, caminhos que favoreçam o desenvolvimento do estudante.

A Psicóloga Escolar é responsável por promover um ambiente saudável, de bem-estar dos alunos, professores e outros colaboradores do ambiente escolar utilizando seus conhecimentos acerca do comportamento humano e os aspectos socioemocionais que podem gerar os comportamentos. A esse profissional é dada a responsabilidade de atuar na prevenção, intervenção e avaliação de questões que afetam o processo de aprendizagem, sejam relacionados aos aspectos sociais ou emocionais. De acordo com Oliveira e Araújo (2009),

a Psicologia Escolar é entendida como um campo de atuação profissional do psicólogo e, também, de produção científica, caracterizado pela inserção da Psicologia no contexto escolar, sendo que o objetivo principal deste campo é mediar os processos de desenvolvimento humano e de aprendizagem, contribuindo para sua promoção.

No Colégio São Francisco Xavier, a Psicóloga Escolar trabalha no contexto geral, onde busca estar sempre ciente do desenvolvimento socioemocional estudantes e utiliza seus conhecimentos técnicos na orientação às professoras em casos de inclusão de crianças com transtornos. Nessa orientação, reflete sobre a melhor forma de acolher aquele estudante e quais as atitudes pode-se tomar mediante situações diversas.

Uma outra frente de atuação é no acolhimento de estudantes que estão passando por mudanças de comportamento percebido pelas professoras. Para isso, a profissional convida-o para conversar, realizando o acompanhamento de perto e periódico das suas falas e comportamentos. Após análise, em alguns casos, convoca os familiares e possíveis profissionais que acompanham o aluno externo à escola para reunião, na ocasião busca entender o contexto que o estudante está inserido, faz as

orientações de ajustes necessários no ambiente familiar e, algumas vezes, faz encaminhamentos para outros profissionais externos. A aproximação da psicóloga e professoras é de fundamental importância, pois os acontecimentos só são possíveis de serem resolvidos com ajuda se houver diálogo entre as duas profissionais.

Além disso, a psicóloga escolar do Colégio tem a função de se reunir, periodicamente, com os profissionais que acompanham os estudantes de modo geral, sendo eles psicólogos, fonoaudiólogos, médicos, psicopedagogos e outros. Essas reuniões ocorrem por solicitação dos profissionais ou por solicitação do próprio colégio.

5 CONCLUSÃO

O ambiente escolar, como ambiente plural, com estudantes que advêm de contextos familiares diversos, deve ser ambiente de acolhimento que promova o bem-estar a ponto dos estudantes se sentirem livres e bem onde estão. Para isso, precisa-se ter o olhar atento dos colaboradores, sobretudo, dos professores, aqueles que conhecem e convivem com seus alunos, que percebe seu estado emocional e social e que pode, a partir da sua observação, cuidar. Freire (1996), ao refletir sobre a prática educativa, reforça que ensinar é um ato de amor e de responsabilidade ética. O educador deve estar disposto a escutar, compreender e dialogar com o educando, ajudando-o a construir sentido em sua trajetória. Essa postura, que também está presente na Pedagogia Inaciana, é essencial para que o espaço escolar se torne um ambiente de confiança, pertencimento e respeito mútuo.

A formação integral dos estudantes só se torna possível quando há uma sintonia genuína entre professores, coordenação pedagógica, psicologia escolar e família. Cada um desses agentes ocupa um papel singular no processo educativo, mas é na articulação entre eles que se constrói um ambiente verdadeiramente acolhedor, coerente e formativo. Professores, por estarem mais próximos do dia a dia dos alunos, captam nuances importantes do seu desenvolvimento; a coordenação pedagógica oferece suporte na organização e direcionamento das práticas; a psicologia escolar contribui com um olhar especializado sobre os aspectos emocionais e comportamentais; e a família, por sua vez, traz elementos fundamentais do contexto de origem da criança. Quando esses vínculos se fortalecem, cria-se uma rede de cuidado e corresponsabilidade que favorece não apenas o aprendizado acadêmico, mas o crescimento humano em sua totalidade. Essa atuação integrada reflete o

princípio da cura personalis, valor central na tradição inaciana, que convida educadores a enxergarem e acompanharem cada estudante em sua singularidade, com atenção às suas necessidades, histórias e potencialidades, promovendo um cuidado que vai além do conhecimento e alcança o ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTINI, Rita Filomena Andrade Januário. A companhia de Jesus, das origens ao ocaso: uma proposta de análise historiográfica. *Revista Histedbr Online*, n 22, p. 13-25, 2006.

COMPANHIA DE JESUS. *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*. Centro Virtual de Pedagogia Inaciana, 1993. Disponível em: <https://redejesuitadeeducação.com.br/wp-content/uploads/2019/05-Pedagogia-Inaciana-Uma-Proposta-pratica-companhia-de-Jesus-1993.pdf>. Acesso em: 26 mai 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARDNER, H.; CHEN, J. C.; MORAN, S e Colaboradores. *Inteligências Múltiplas ao Redor do Mundo*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Edição Revista. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOLVENBACH, Peter-Hans. *Características da educação da Companhia de Jesus*. Roma: Secretaria para a Educação da Companhia de Jesus, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994.

LÓPEZ, Fernando. A dimensão espiritual no currículo e sua contribuição à Formação Integral. In: PAULA, Jorge Luiz de. *Saberes em movimento: Boas práticas no Colégio São Francisco Xavier*. São Paulo: Edições Loyola, 2025, p. 17-28.

NÓBREGA-TERRIEN, Sandra. *Educar é acompanhar: a pedagogia inaciana e os desafios da formação integral*. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

OLIVEIRA, Gisele; BARBOSA, Juliana. Competências socioemocionais na educação básica: um olhar sobre as práticas pedagógicas. *Revista Educação e Contemporaneidade*, v. 30, n. 60, p. 1–20, 2021.

OLIVEIRA, Cynthia; ARAÚJO, Claisy. Psicologia Escolar: cenários atuais. *Revista PePsic*, v. 9, n. 3, 2009.

OMS. Saúde mental e uso de substância. Disponível em: <https://www.who.int/activities/improving-the-mental-and-brain-health-of-children-and-adolescents>. Acesso em: 23 mai 2025.

OECD. Social and Emotional Skills for Better Lives. 2023. Disponível em: <https://www.oecd.org/en/publications/social-and-emotional-skills-for-better-lives_35ca7b7c-en.html>. Acesso em 12 mai 2025.

PORTAL DA REDE BVS. Relatos de experiências. Disponível em: <<https://red.bvsalud.org/relatos-de-experiencias/>>. Acesso em 29 jul 2025.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. *Projeto Educativo Comum (PEC)*. Brasília: RJE, 2016.

SARMENTO, Nara Regina Goulart. Aprendizagem e afetividade. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 33, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71877/000880292.pdf?seq>. Acesso em 23 mai. 2025.

TIBURSKI, Raquel. Qual o papel da escola no desenvolvimento das competências socioemocionais. *Diário escola*. Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <[qual-o-papel-da-escola-no-desenvolvimento-das-competencias-socioemocionais/](#)>. Acesso em 09 abr 2025.

WALTON, David. *Inteligência emocional: um guia prático*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.